

O desafio desta pesquisa é explicitar em que consiste, na perspectiva glauberiana, realizar cinema na televisão. Em países do Terceiro Mundo, cujo cinema é caracterizado pela baixa audiência, a televisão se apresenta como o lugar por excelência para a realização cinematográfica, segundo Glauber. Mas o que, para ele, é o cinema? Certamente não pode ser definido pelo seu aspecto exclusivamente midiático – projeção de uma película em sala escura – mas pelos seus aspectos comunicativos, em sua dimensão audiovisual, que engloba tanto o cinema quanto a televisão. O cinema, assim, tem por função expressar-se em termos audiovisuais como a linguagem do real. Mas não de uma realidade exterior. De fato, em Glauber a natureza desta realidade é a criação: criação de um povo, de um país, de uma existência por vir. Nesta direção, esta pesquisa tem por objeto de estudo o programa “Abertura”, veiculado pela TV Tupi entre 1979 e 80, do qual participou como diretor de 32 quadros e onde experimentou sua teoria sobre o audiovisual, desenvolvida também em seus artigos e livros. Este estudo, metodologicamente, é desenvolvido nas mesmas três etapas da pesquisa Teorias em dispersão dos cineastas brasileiros a que se vincula: arqueologia, semiótica e desconstrução, responsáveis respectivamente pela identificação das teorias de Glauber que estão dispersas entre produções audiovisuais, entrevistas e artigos, pela sua sistematização e pela sua rerepresentação em termos formais (desconstrutivos). Foi possível, a partir do estudo, dizer que o “Abertura” é - a partir de procedimentos de captação em som direto, entrevistas na rua, fotografia com luz natural - um tipo de “Cinema Verdade” (Rouch e Morin) cuja existência e cujo propósito superam as determinações gramaticais das mídias que o veiculam.